

NO QUE A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE PODE CONTRIBUIR PARA PENSAR O PROBLEMA DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA RAPHAEL BRUSQUE.

Nara Regina Borges Dias¹ - UFPel/FAE

nara_regina_dias@hotmail.com

Financiado por CAPES/INEP

Eixo 4: 'Organização do trabalho pedagógico' nas escolas públicas na Educação Básica (projeto político pedagógico, gestão, currículo, avaliação, cultura, políticas de acesso e permanência)

Resumo: A violência não é nenhuma novidade no espaço escolar, mas continua sendo alvo de muitas pesquisas, discussões pedagógicas e também noticiários nos meios de comunicação. Neste contexto a pesquisa em andamento tem por objetivo investigar se a violência na Escola Almirante Raphael Brusque pode estar interferindo no processo de aprendizagem dos alunos da educação básica e conseqüentemente no problema da distorção idade-série, assim como refletir a importância da comunidade neste processo. Este estudo se justifica, por este ser um problema que mesmo não sendo novo é atual e interessa a toda a sociedade. O tema em pauta vem preocupando professores, gestores, funcionários e os pais, assim como a comunidade. Nosso estudo está apoiado em autores como Freire (1987), que trata da educação bancária considerando-a como uma forma de violência do opressor contra o oprimido, Abramovay (2003), que faz refletir sobre os aspectos da vulnerabilidade social como os problemas de drogas e álcool também enfrentados nesta comunidade, que acabam levando para outros tipos de violência como a doméstica e pode ser um dos fatores que estão contribuindo para o baixo índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) e Eyng (2011), que traça as perspectivas históricas e políticas no que diz respeito as práticas de violência nas escolas. Nossa metodologia é a intervenção – ação que tem como proposta a participação efetiva do pesquisador na comunidade e intervenção para qualificar a realidade do professor e conseqüentemente dos alunos como um compromisso social.

Palavras - chave: Violência, Escola do Campo, Relação Escola - Comunidade.

Introdução

Este estudo tem como objetivo apresentar os primeiros passos da pesquisa sobre a Violência, que está sendo desenvolvido na Escola Municipal Almirante Raphael Brusque que se situa na Colônia de Pescadores Z3, da cidade de Pelotas/ RS. O trabalho faz parte do Observatório da Educação do Campo, núcleo da Universidade Federal de Pelotas e tem como patrocinadores a CAPES/INEP.

No ano de 2011 quando demos início ao trabalho nesta escola nos foi apresentada a grande preocupação com a violência nesta comunidade, assim como na escola. Nos relatos dos professores foi possível verificar que tal preocupação era de fato um consenso, com isso a

¹ Autora, Graduada do Curso de Antropologia Social e bolsista do projeto Observatório da Educação do Campo.

violência foi eleita como tema de pesquisa de um dos subprojetos que está sendo desenvolvido na escola, tendo a conclusão prevista para o ano de 2014.

Iniciada a elaboração do subprojeto em 2011, no ano de 2012 passamos então para a pesquisa propriamente dita, desde o início do ano letivo já conseguimos nos inserir melhor dentro da comunidade escolar e com isso ter um contato regular com os fatores de preocupação deste espaço educacional. Neste ano conseguimos realizar, em nosso grupo de estudo com os professores da escola, leituras sobre vários assuntos referentes à educação do campo e seu processo histórico no Brasil, assim como contextualizar a problemática de educação na contemporaneidade.

Também foi possível realizar algumas ações que estavam prevista no cronograma da pesquisa como a obtenção de dados do mapeamento das notas dos alunos da educação básica dos últimos três anos. O que verificamos, é que há uma grande distorção entre idade-série, principalmente das quintas séries e quintos anos. Realizamos algumas observações nos espaços da escola junta as salas de aula para obtermos informações de como se apresenta a relação dos alunos com os professores e com os colegas e participamos nas festividades da escola onde a comunidade é bem ativa, principalmente quando das festas dos dias das mães e dia dos pais, assim como na festa junina.

A Escola Raphael Brusque possui aproximadamente 500 alunos distribuídos em três turnos, conta também com um efetivo de 50 pessoas entre professores e funcionários. Na educação básica o número de alunos é de 234, sendo 19 alunos na quinta série, 37 no quinto ano, 23 no quarto ano, 88 no terceiro ano, 42 no segundo ano e 25 no primeiro ano. O que mais foi percebido é que o grande problema da distorção idade-série se encontra nos anos finais com um número preocupante de mais ou menos quatro anos desta distorção em alunos com idade entre 13 a 15 anos, que em muitas vezes pode levar estes alunos a irem buscar outros tipos de educação, como EJA (Educação de Jovens e Adultos) e os supletivos.

Deste contingente de alunos na escola cerca de 30% está repetindo a quarta série e 75% aproximadamente à quinta série, o que tem causado bastante preocupação entre os professores e gestores. Este problema vem causando desestímulo no aprendizado destes jovens, conforme indica a escola.

Ainda não é possível afirmar que a violência na escola ou na comunidade possa ser a causa de repetência escolar, mas que este é um fato bastante relevante isso ficou visível na

fala das pessoas da comunidade. Fato esse mencionado quando da apresentação do seminário sobre a violência e repetência para os membros da escola e da comunidade. Isso nos leva a pensar em outros indicativos a serem pesquisados sobre esta problemática, que por hora está em estágio inicial.

A participação da comunidade dentro do espaço da escola foi um dos primeiros atos conjuntos deste ano, o que veio a contribuir com o alicerçamento de nosso trabalho coletivo, visto que há algum tempo as relações entre escola e comunidade não estava em um dos melhores momentos.

A pesquisa tem apontado a grande distorção entre idade-série nas séries finais e o problema da evasão escolar também se dá entre os alunos destas séries, já que pelo novo sistema de ensino de (nove anos) as crianças dos primeiros e segundos anos, tem avançado, não havendo repetência. Não sabemos ainda se a violência pode ser a causa desta elevada proporção de alunos que passam pela multi- repetência, mas este problema pode levar ao desinteresse pelo estudo e conseqüentemente pela escola que anda pouco atrativa para as crianças desta faixa etária.

Conforme (ABRAMOVAY, 2003, p.105), a violência pode ser um elemento que agrave a falta de vontade de estudar, mostrando que a escola não é mais um lugar seguro e que não é mais atrativa, seus conteúdos podem não estar instigando o aprendizado destes jovens.

A violência afeta seus estudo porque sente que não conseguem se concentrar nos estudos. A violência afeta seus estudos porque sente que o ambiente da escola fica pesado. A violência afeta seus estudos porque sente que a qualidade das aulas diminui. A violência afeta seus estudos porque não sente vontade de ir à escola.

1 Concepção Metodológica

A metodologia usada pelo Observatório da Educação do Campo é a investigação-ação, este tipo de pesquisa atribui grande importância da inserção do pesquisador no campo da pesquisa. Acreditando que no convívio com a realidade pesquisada é que o pesquisador será capaz de maior compreensão da comunidade. É através deste entendimento que a pesquisa no observatório vem sendo desenvolvida. Apostamos na contribuição de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional destas crianças.

Sustentamos nossa pesquisa em (MINAYO, 1998, p.10), que mostra que a pesquisa social é o mais completo modo de realizar uma pesquisa, em que todos participem, além de permitir a progressiva entrada do pesquisador dentro da realidade pesquisada, possibilitando articular uma reflexão-ação, criando uma responsabilidade social e respeitando as características e culturas de cada coletivo.

O campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições. E para nomear apenas uma das controvérsias que aqui nos interessa, citamos o grande embate sobre a cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza. Há os que buscam a uniformidade dos processos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto da “ciência” ao campo social. Há os que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano.

Também encontramos em (MINAYO 1998, p.15) a importância das Ciências Sociais nas pesquisas humanas na busca dos objetivos científicos:

Por fim, é necessário afirmar que o objetivo das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação de suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.

A pesquisa social considera importante o intercâmbio dos sujeitos ou comunidade pesquisada com o pesquisador para que juntos contribuam para construir ações mais efetivas dentro do espaço comum para beneficiar todo o coletivo.

2 Como entender a violência

O tema violência vem sendo constantemente fator de preocupação no espaço escolar, seja de professores, alunos, gestores da comunidade, dos pais. Também na sociedade em geral este assunto é bastante debatido e a violência faz parte de vários estudos, em diferentes áreas do conhecimento. A violência pode se apresentar de diversas formas, podendo ser física, psíquica, social e moral. Ela pode também ser interpretada como ações dos opressores contra

os oprimidos e a escola não fica fora desta esfera de instituições que já fez e faz opressão contra os seus alunos, de varias formas conforme (FREIRE, 1987 p.9):

Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir á liberdade do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade”, postulada, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da libertação são os do oprimido que se liberta.

A escola por vezes pode ter o poder que destrói e violenta o individuo à medida que não lhe deixa exercer a palavra ou que lhe nega o direito de ter sua própria visão e interpretação do mundo e da vida, ficando o sujeito oprimido pelo poder dos que lhe deveriam proporcionar o debate, dar asas e deixá-los voar. Estes são os que lhes cortam os direitos de serem ou exercerem sua liberdade, negando sua autonomia e a consciência de si próprios como sujeitos de direito desde muito pequenos. Em (EYNG, 2011, p.166) podemos perceber esta violência no espaço escolar:

O que são as violências nas escolas? Podemos defini-las, de modo bastante genérico como um conjunto de práticas que rompem com a “normalidade” no cotidiano escolar. Nesse sentido, “ações que comportam humilhação, vergonha, discriminação, são consideradas hoje, condutas violentas. Além de violência interpessoal ou intersubjetiva, incorporam a violência social ”(...) Abrangem manifestações que afetam aspectos, físicos, psicológicos morais e sociais.

A escola deveria ser um lugar mais propicio a troca de idéias e a construção do conhecimento, onde pudéssemos ter uma atitude mais libertadora, mas ao contrario quase sempre a escola foi um lugar onde são ditadas as regras e se espera obediência. Freire (1987) ressalta que a “educação bancária” vê o aluno simplesmente como um recipiente a ser preenchido de conhecimentos pelo professor, mostrando que quanto mais cheio estiver este recipiente mais reconhecido será este o professor, sem deixar que o aluno demonstre seus conhecimentos e anseios o classificando como um ser vazio.

Podemos assim verificar o poder do professor sobre o aluno. Desta maneira o aluno muitas vezes pode não querer aprender o que lhe é destinado como conteúdo apropriado, os mesmos conteúdos que não lhes chamam atenção, não dizem respeito as suas realidades e vida, não fazendo sentido no que é proposto pela escola e pelos dominadores, não trazendo nenhum significado para sua formação, (FREIRE 1987.p.65) diz:

A opressão é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se de amor á morte e não amor á vida. A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isso mesmo, os educadores em recipientes, em quase coisa, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo

de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais humano. Seu ânimo é justamente o contrário-o de controlar o pensar e a ação, levando os homens ao ajustamento ao mundo. (...).

Desta forma, não ver o aluno ou ao outro como sujeito de direitos é uma arbitrariedade e, portanto, uma violência contra o indivíduo. Em (Eyng 2011, p.149), a violência e se traduz como uma impossibilidade de reagir:

E a violência contra o “outro”, mais fraco, despossuído de tudo, se faz pelo “domus”, aquele que domina, pois é possuidor. A dominação, portanto, encontra sua origem no domínio, isto é, na posse. Da posse do espaço geográfico o domínio se estende á posse das coisas, dos bichos e das gentes. E o sentido de posse se perpetua de geração para geração, constituindo uma elite possuidora, dominadora, a exercer uma violência, explícita ou simbólica, sobre o corpo do outro, formando corpos dóceis ou, ma impossibilidade os docilizar para possuir, os nega e os aniquila. Dessa maneira, a importância dada á propriedade, ao “ter”, transforma-se em um projeto de vida por vezes na única razão de viver que anima os indivíduos em sociedade podendo institucionalizar-se em sistema. Ao tornar-se “sistema”, passa a se impor a todos, constituindo uma totalidade que aliena o outro, destituindo-o de história, de cultura, incorporando o seu corpo como instrumento ou o relegando a margem da sociedade, ou mesmo aniquilando-o enquanto corpo vivente, na medida em que não se mostrava útil.(...).

Contudo, é preciso deixar claro que se o professor pode exercer esse poder sobre o aluno, como um opressor, no que diz respeito ao seu aprendizado nos bancos escolares, ele também é determinado pelo poder dos conteúdos, através dos livros didáticos e /ou cartilhas pré estabelecidas por seus gestores e as secretarias de educação, que pouco escutam as vozes dos professores e que estes tendem a cumprir com as determinações e metas orientadas pelos governantes, que muitas vezes não expressam interesse em ter um sujeito mais qualificado e compreendendo seus direitos e deveres. Portanto, um indivíduo crítico para uma construção de uma sociedade justa, com menor índice de desigualdade e maior respeito a diversidade.

É necessário pensarmos no aluno como sujeito que se constitui de experiências e conhecimentos, culturas e credos. Como diz, Freire, 1987, a própria sociedade constitui o poder do opressor sobre os oprimidos, aqui, neste caso, o professor pode também ser o sujeito oprimido na relação opressora que é a educação e dos poderes burgueses da nossa sociedade e da educação.

E é nesta perspectiva que Freire, 1987, também ressalta a violência contra os seres dominados por regras impostas dos grupos mais poderosos. Eygn, apud Freire (2011, p. 151) também reforça esta teoria dizendo que:

Um dos elementos básicos na mediação opressor-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição de uma consciência á outra. Dai o sentido alienador das prescrições que transforma a consciência “hospedeira” em consciência opressora.

Por isso o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz - se á base de pautas estranhas a eles as pautas dos opressores.

É com a certeza que todo sujeito deve ser livre para poder escolher seu caminho e dar sentido a sua vida, que acreditamos que a escola tem papel fundamental nesta construção, assim como a comunidade na qual se insere. Nada poderemos fazer sozinho para modificar as situações adversas a nossa vontade, somente com a comunhão deste coletivo conseguiremos suplantar os problemas encontrados na realidade de cada grupo. É com consciência deste processo que devemos e podemos nos mobilizar para atingir nossos objetivos, mostrando que não se constrói um sujeito de direito pela dominação, mas por caminhos mais libertários e dialógicos. Pois a violência de qualquer espécie fere com a dignidade do individuo e não constrói passagem sólida.

3 Ações de colaboração entre a escola e a comunidade

O que é comunidade? Segundo o minidicionário (FERREIRA, 2000) o conceito social de comunidade o conjunto de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, sob o mesmo governo e compartilham do mesmo legado cultural, histórico e religioso.

A Colônia de Pescadores Z3, em Pelotas RS, é uma comunidade de pescadores artesanais que já tiveram tempos mais áureos e que hoje sofrem com a pesca predatória de vários barcos de maior porte vindos dos mais variados lugares do Brasil, deixando estes sujeitos com poucas possibilidades de prosperidade e sucesso nos períodos de safra.

Já foi época de felicidade financeira nesta comunidade, de um comércio mais rentável, hoje a maioria dos pescadores sobrevivem da pesca, e até fazem outros trabalhos nos períodos de entre safra para sustentarem suas famílias. Poucos são os que conseguem sucesso financeiro com esta profissão, pois o trabalho da pesca está cada vez mais escasso nesta região. Outra consequência apontada pala comunidade nos novos tempos são as tecnologias que por aqui ainda não são unânimes quanto ao seu uso e perdem terreno para barcos com aparelhamento bem superior, deixam os pescadores artesanais sem muitas opções e consequentemente com pouca pesca.

Nossa lagoa também vem sofrendo nas últimas décadas com a poluição tanto dos próprios pescadores, e dos moradores da colônia, como dos veranistas que nas estações de calor enchem de sujeiras e todo tipo de dejetos as margens das praias, poluindo e destruindo com esta linda orla.

É neste espaço que a Escola Raphael Brusque também se unifica nesta comunidade e que vem vivendo períodos de safra diminuta e de violência alarmante, segundo seus moradores. E é com essa comunidade que começamos a ver nosso trabalho dar seus primeiros passos.

Nos primeiros momentos de nossa inserção na escola ficou visível a preocupação dos professores e da direção com o distanciamento que a comunidade mantém da escola. Para muitos professores esse é um elemento fragilizador no relacionamento deste coletivo. Unir estes dois espaços é apontado como uma ação necessária para a comunhão entre a escola e estes sujeitos. Os professores vêm argumentando o grande índice de afastamento dos pais no espaço escolar, o que para muitos causa dor e tristeza, visto que em outros momentos esta relação era bem próxima e colaborativa.

Pensando em uma estratégia de unir, assim como projetar ações que sejam congruentes sobre a questão da violência na escola, vimos à necessidade de organizar um seminário que nos permitisse juntar estes sujeitos, assim como colocar para a comunidade a importância de sua presença nas questões que dizem respeito aos problemas escola e a educação e formação de seus filhos.

Articulamos e realizamos com sucesso um primeiro seminário que envolveu a escola e a comunidade, mesmo ainda em números tímidos, a participação dos pais foi muito importante e revelou a preocupação da comunidade com este assunto e todas as implicações que o tema vem trazendo para esta sociedade. Começamos o evento apresentando como a violência apareceu para nós, como um problema ligado a educação e ao aprendizado dos alunos, mas atrás da violência em si pode estar escondido todo um problema da sociedade e que às vezes pode se manifestar, mas visivelmente, na escola.

Questionados sobre o problema da violência, a comunidade ressaltou que é preocupante o número de crianças e adolescentes que vem se envolvendo com álcool e drogas nos últimos anos, e que por este motivo acabam embarcando em situações de graves delitos ou mesmo em crimes, circunstância essa que também já havia sido percebida pelos professores dentro e fora dos muros da escola.

Outro assunto bastante contextualizado foi à quantidade de menores que participam dos bailes na comunidade em altas horas da madrugada. Fato esse, que já ocasionou preocupação dos professores com respeito ao número de faltas das crianças em sala de aula,

principalmente na segunda feira, devido ao cansaço dos alunos. Nos estudos de (ABRAMOVAY, 2003, p.142), a autora nos indica que:

Cabe lembrar que o comercio de drogas pode estar diluído em diversos estabelecimentos (...) estando disperso no espaço urbano, em geral, o que torna mais preocupante- em se tratando da violência – ma sua vizinhança com as escolas. Vale assinalar, porém, que o movimento das ruas, principalmente daquelas com múltiplos estabelecimentos comerciais, torna difícil identificar os pontos de venda de drogas e os traficantes em busca de consumidores. Há ainda os próprios alunos da escola que participam da rede de trafico fazendo com que a mesma fique exposta á violência (...)

Também foi lembrada neste dia, pela comunidade, a freqüência em que há o envolvimento de várias famílias no conselho tutelar, seja por motivos de maus tratos com as crianças, problemas psíquicos dos pais ou parentes, ou mesmo por não terem condições financeiras de arcarem com o sustento destas crianças, que acabam sendo entregues aos parentes ao mesmo para instituições tutelares da cidade, entre outros problemas relatados, mostrando a preocupação deste coletivo com a banalização da violência e o que este assunto pode estar ocasionando no aprendizado dos menores.

Nas falas dos pais e de alguns docentes foi possível verificar que a violência contra as crianças já esta quase naturalizada nesta localidade. Em palavras da comunidade, bater e apanhar e ver crianças se maltratarem parece ser ato corriqueiro e que passa de pai para filho com grande naturalidade, o que parece desumanizar as pessoas. Os pais neste caso podem ser os opressores de seus filhos oprimidos, que se sentem sufocados e revidam com mais violência e esta pode se apresentar de várias formas e em vários lugares e a escola não esta fora deste espaço de violência. Nas palavras de Freire (1987, p. 30), podemos verificar que:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação- a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam de fato opressores dos opressores, (...).

A apreensão com a violência na escola, que nos primeiros momentos deste projeto parecia preocupação somente do corpo de professores e gestores, agora depois deste seminário fica claro que é uma inquietação da população e o mais importante, a comunidade quer se mobilizar, este foi o ponto mais positivo de nossa inserção.

Obter o apoio dos pais, para juntos construirmos ações que amenizem esta situação era o nosso propósito com este evento, o que culminou com iniciativas dos mesmos e dos

professores para darmos sequência ao nosso trabalho. No debate foi possível apurar que o coletivo da colônia a muito pede socorro para tal problema, mas em atuações individuais que nada ou quase nada atingem o problema maior da comunidade, já que este é um problema social que é de responsabilidade de todos os envolvidos.

O que devemos ter em mente é a consciência do trabalho em cooperação, entre a escola e a comunidade que só assim poderão ter mais êxito nas ações. Separadamente a força é menor. Freire (1987, p15) ressalta em seus estudos a importância do trabalho e consciência conjunta, assim como reflexiva, para que a comunicação atinja a todos.

Mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados-seriam mônades incomunicáveis. As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois, a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que se não for originariamente comum não permitirá comunicação. Cada um terá seu próprio caminho de entrada nesse mundo comum, mas não a convergência das intenções, que o significam, é a condição de possibilidade das divergências dos que, nele, se comunicam. A não ser assim, os caminhos seriam paralelos e intransponíveis. (...).

A experiência desta comunhão foi muito valiosa para todos que dela participaram. Os debates em busca de solução do problema da violência e a percepção da comunidade junto com os professores, no que diz respeito a se unificar para dar soluções aos embates propostos, vieram a contribuir para um sinal positivo de nosso trabalho. Mostrado que há um interesse de todos em contribuir para melhorar a qualidade de vida nesta localidade, assim como participar mais efetivamente dos assuntos da escola.

É com o sentimento de pertença que devemos nos apoiar uns nos outros, pois a escola só será da comunidade se a comunidade se sentir parte dela, aí então a própria comunidade se sentira responsável e defenderá esta escola e seus alunos, na defesa de um lugar melhor para educar os filhos e construir um lugar mais agradável para viver.

Considerações finais

Frente ao que foi exposto neste trabalho e considerando os primeiros passos da pesquisa, ainda não é possível afirmar se existe uma relevância entre o problema de violência

tão enfatizado nesta comunidade e pela escola com o grande índice de repetência e evasão escolar na escola Raphael Brusque.

Os dados captados até agora ainda são insuficientes para uma afirmação, pois estão em ampla construção, mas, o que já é possível sinalizar nas primeiras análises feitas sobre esta questão, é que a comunidade ressalta os índices de violência como um dos fatores de graves problemas na comunidade e o mapeamento das notas dos alunos dos três últimos anos indicam problemas com o aprendizado das crianças das séries finais da educação básica.

O que podemos considerar como hipótese é que devido ao alto número de repetências é baixa a autoestima e motivação dos alunos para o estudo, que já com idade de estarem no ensino médio ainda cursam a educação básica.

Pode somar-se a isso que nesta idade escolar os jovens estão atravessando a pré-adolescência e a escola para muitos não é tão atrativa, por vezes este espaço serve de encontro com os amigos, mais do que para estudar. Também pode haver o apelo de outras situações que levem os estudantes a não se dedicarem aos estudos, pois muitos não vêem na escola uma oportunidade de crescimento e acabam investindo seus esforços no trabalho, por necessidade, ainda quando são bem jovens, pois é possível perceber que suas perspectivas estão relacionadas ao trabalho da pesca e, sendo assim, o estudo não lhes tem tanta valia.

Outra situação que pode estar acontecendo segundo a comunidade e parte dos professores é a violência no seio da família, muitos ressaltam que é em função do uso de álcool e drogas. A violência doméstica exercida pelos pais pode estar se reproduzindo aqui na escola. Esta é uma violência social, do não poder ter, ou não satisfazer as necessidades de alimentação, vestimenta, moradia e até tecnológica, que tanto a mídia explicita nos seus veículos de comunicação. A violência de não ter mais perspectivas futuras, tudo ligado ao consumo pela qual podem se sentir impossibilitados e isto pode estar se refletindo nos espaços escolares.

Para a continuidade desta pesquisa os estudos indicam que será necessário fazermos algumas entrevistas e irmos até algumas das residências de alguns alunos para observarmos de perto o contexto em que vivem e como se dão as condições de reprodução de suas vidas.

Pelo que se estudou até agora, acredita-se que a violência destacada por todos tenha suas manifestações nos espaços da escola e das casas das crianças e com isso afete a relação

dos jovens na escola e com seu aprendizado, os levando a multi- repetência e ao desinteresse com os estudos.

Referências Bibliográficas

ABRAMIVAY, Miriam. **Escola e Violência**. Edições UNESCO Brasil. Brasília, 2003.

EYNG, Ana Maria. **Violências nas Escolas**. Perspectivas Históricas e Políticas. Editora UNIJUI. Ijuí 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra S/A. Rio de Janeiro 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar**. O minidicionário da língua portuguesa. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Editora Vozes. Petrópolis 1998.